

O ideal político-religioso niceno na defesa da divindade de Jesus Cristo: considerações iniciais sobre a visão de Gregório de Nissa (séc. IV d.C.)

HELENA AMÁLIA PAPA*

O principal alvitre desse texto é apresentar as considerações iniciais de nossa proposta de estudo, em fase de doutoramento, acerca da visão condenatória do bispo cristão niceno Gregório de Nissa aos cristãos arianos eunomeanos. Tais considerações pretendem exemplificar como esse bispo cristão utilizou-se de seu ideal político-religioso (incluem-se aí seu prestígio social e inserção na corte imperial de Teodósio) em prol da defesa cristológica no dogma trinitário.

No final do século III d.C. ocorreram várias interpretações das escrituras que representavam um importante momento na história da formulação do dogma trinitário. Durante essa fase foram desenvolvidas discussões teológicas que fizeram iniciar os conflitos político-religiosos abordados durante todo o século IV d.C. Essas contendas sucederam-se por meio das reuniões eclesiais que poderiam ser denominadas sínodos ou concílios. O primeiro obtinha um caráter mais regional, enquanto que o segundo pretendia absorver e impactar um maior número de províncias e autoridades religiosas e/ou administrativas. No tocante a temática abordada, ambas as reuniões discutiram e reinterpretaram importantes assuntos acerca do dogma, não sendo, desta forma, passível de hierarquização nesse quesito. Dentre essas interpretações, destacamos as que procuravam constituir uma legitimidade em torno de determinado conjunto de pensamentos, interpretações bíblicas e concepções litúrgicas (doutrina); ou seja, buscava-se determinar uma ortodoxia cristã – o que deveria ser considerado como ‘verdade’.

A partir do século IV d.C. verificamos que essas reuniões passaram a ter uma ligação maior com o poder central, primeiramente com o Imperador Constantino que reconheceu o cristianismo em 310 d.C., porém sem oficializá-lo como religião cívica e, posteriormente, com os seus sucessores. Averil Cameron corrobora a tese do intervencionismo imperial feito por este governante nessas questões:

* FCHS-UNESP/Franca, Doutoranda em História, Bolsista FAPESP sob orientação da Prof^a Dr^a Margarida Maria de Carvalho.

Este (o Concílio de Niceia) e os concílios posteriores, seis remanescentes oficialmente reconhecidos como “ecumênicos” e vários outros, tanto regionais e parciais em caráter, como também os que desejam status ecumênicos, nasceram em grande parte das necessidades políticas da época a partir e posterior a Constantino, sendo também a manifestação exterior e pública de um processo que estaria acontecendo dentro do cristianismo ainda em seu período de desenvolvimento (CAMERON, 1994:22).

Essa preocupação com a unidade territorial romana por meio da unidade da fé e, conseqüentemente, da unidade doutrinária, também pode ser percebida na literatura cristã da época. Ao buscarem apoio e favores do poder central, os episcopais do século IV d.C. tinham conhecimento dos benefícios que sua doutrina teria ao ser adotada por determinado imperador. Além disso, em situação análoga aos imperadores, a preocupação desses Bispos perpassava pela questão da unidade territorial do Império Romano, pois determinada fé – nesse momento, leia-se postura doutrinária – estaria mais bem estabelecida em um território unificado do que fragmentado. Isso se reflete nas formas de administração das províncias e dos municípios do Império, haja vista que tal fé tomaria maiores proporções caso os funcionários administrativos estivessem nelas envolvidos.

Entendemos que, quando esses religiosos, fiéis as suas concepções, agiam juntamente ao poder central, ou a representantes deste, agiam de acordo com o seu ideal político-religioso, ou seja, calculavam suas ações, muitas vezes mediadoras entre a população das regiões em que atuavam e a legislação do Império. Dessa forma, esses escritores exerceram através de seus discursos e epístolas um papel fundamental em vários acontecimentos político-religiosos e administrativos no arco cronológico desta pesquisa, a saber: 360 d.C. a 394 d.C.

Segundo Henri-Irinée Marrou (1973:115) e Michel Spanneut (2002:69), a partir do final do século II d.C., podemos perceber dois grandes grupos de cristãos: os cristãos ortodoxos e os cristãos heterodoxos. Tais grupos cristãos divergiam entre si na aplicação dos dogmas que acreditavam, principalmente, nas discussões em torno da questão trinitária, na qual estava incluída a problemática cristológica, ou seja, o debate cercava-se na divindade de Jesus.

O ortodoxismo cristão ou fé nicena – termo proveniente do “Concílio de Nicéia” de 325 d.C. no qual houve a tentativa de fixar a supremacia ortodoxa (o que deveria ser considerado ‘verdade’) – defendeu a crença na Santíssima Trindade, ou seja, na divindade de Jesus Cristo. Nesse grupo cristão é que está incluído o bispo Gregório de Nissa personagem principal dessa proposta de estudo.

Já dentre os heterodoxos destacamos os arianos (adeptos do arianismo) que não acreditavam no dogma trinitário, já que para eles o “Filho” não era consubstancial ao “Pai”, ou seja, não acreditavam na divindade de Jesus Cristo como pregava o ortodoxismo cristão. O bispo Eunômio de Cízico foi um grande representante desse grupo recaindo sobre ele as visões condenatórias dos Bispos ortodoxos/ nicenos Capadóciolos Gregório de Nissa, Basílio de Cesareia¹ e Gregório Nazianzeno.

Tais bispos cristãos, ortodoxos ou heterodoxos, eram intelectuais de postos renomados e obtiveram, portanto, uma base educacional semelhante. Entretanto, seus ideais político-religiosos, como a forma de pensarem sobre a unidade imperial romana, eram distintas e, com base nelas, atendiam a seus anseios e preocupações.

Quando utilizamos a expressão “ideal político-religioso”, a fazemos no sentido de uma ideologia própria de cada grupo, ou seja, indivíduos portadores de um conjunto articulado de ideias, valores, opiniões e crenças, o qual, enquanto conjunto, reforça as relações que conferem unidade a um determinado grupo social. Entendemos que tal conjunto de ideias, próprias de um grupo inserido em seu contexto, traduz, para nós, investigadores da questão, uma dada situação histórica.

Nesse sentido, o conceito de ideologia está ligado aos aspectos hierárquicos de organização de cada grupo social, pois “toda autoridade procura, segundo seus sistemas políticos, legitimar-se e, para tal é necessário que haja correlativamente uma crença comum por parte dos indivíduos nessa legitimidade” (BRANDÃO, 2004:29). Essa ideologia, ao manifestar-se no ideal político-religioso de cada grupo cristão, adquire o papel de tentativa de dominação simbólica, por meio da palavra, em nosso caso, de seus discursos e epístolas, que se configuram como documentação em nossa pesquisa. Dessa

¹ Ressaltamos que esse bispo cristão, Basílio de Cesareia, foi nosso alvo de análise durante a fase de Iniciação Científica (FAPESP) e Mestrado (FAPESP). Nessa última fase da pesquisa, mais especificamente, é que interpretamos a visão condenatória de Basílio a Eunômio de Cízico por meio de seu discurso *Contra Eunômio*.

forma, Helena H. Nagamine Brandão (2004:30) corrobora conosco ao afirmar que “não há *um* discurso ideológico, mas *todos* os discursos o são”.

Tudo leva a crer, que os conflitos político-religiosos entre nicenos e arianos permaneceram de forma mais presente na região oriental do Império Romano até o reconhecimento do cristianismo niceno como ortodoxo, ou seja, como religião oficial (380 d.C.), o que ocorreu no governo do Imperador Teodósio (379-395 d.C.). Depois desse período, percebemos uma diminuição de documentos que abordam o assunto no oriente concomitante a um aumento expressivo do número de documentos que se referem à fé ariana no ocidente; tendo seu apogeu no século VI d.C. Entretanto, o discurso cristão ortodoxo foi o que imperou ao longo do processo histórico chegando até os dias atuais. Desse modo, o material a que temos acesso, atualmente, sobre o tema explicitado acima, foi compilado e preservado pelos próprios cristãos ortodoxos, principalmente no período medieval, assim, há uma grande concentração de assuntos relacionados a esse grupo de cristãos.

Os bispos do século IV d.C. pertenciam a um mesmo grupo social: às elites provincianas; dessa forma, os bispos cristãos que participaram dessa contenda entre nicenos e arianos obtiveram uma *Paideia* condizente com suas condições sócio-econômicas e recebiam, inicialmente, da própria família a educação e doutrina cristãs. Entendemos por *Paideia* a conceituação de Carvalho, ou seja: educação obtida por cidadãos da elite romana a fim de se prepararem para ocupar altos cargos político-administrativos na esfera governamental e religiosa (CARVALHO, 2010:24).

Sendo as escolas do Império Romano frequentadas por cristãos e não-cristãos, é importante ressaltar que a *paideia* dos homens do século IV d.C. era a mesma. O que percebemos é que essa *paideia* foi aplicada de diferentes maneiras, a fim de atender a ideais político-culturais distintos, logo, não concordamos com as seguintes denominações: *paideia* cristã, *paideia* não-cristã, *paideia* nicena, *paideia* ariana, dentre outras. A leitura dos discursos dão-nos vetores para investigarmos a *Paideia* dos autores.

Assim, nos propomos a analisar o discurso *Contra Eunômio* do intelectual Capadócio Gregório de Nissa (Bispo da cidade de Nissa - Província da Capadócia – Região Oriental do Império Romano). Ressaltamos que o Nisseno² faz parte, juntamente

² Utilizamos o termo ‘Nisseno’ como codinome ao bispo Gregório de Nissa, já que foi assim que o religioso cristão ficou conhecido, ou seja, a partir de seu episcopado na cidade de Nissa – Província da Capadócia – Império Romano Oriental. Informamos ao leitor, o cuidado de não confundir tal termo

com seu irmão Basílio de Cesareia e amigo Gregório Nazianzeno do grupo denominado pela literatura eclesiástica como os Padres Capadócius ou Capadocianos, pois os três religiosos são conterrâneos defensores expressivos do ortodoxismo cristão. Cabe lembrar aqui que Eunômio, Bispo da cidade de Cízico, também era da Capadócia. Desse modo, participaram das mesmas discussões teológicas e de conflitos político-religiosos semelhantes atuando, muitas vezes, nos mesmos sínodos e concílios.

Os Padres Capadócius, assim denominados pela bibliografia patrística e reproduzidos na historiografia atual, participaram ativamente do debate trinitário. Além de serem conterrâneos e de compartilharem o mesmo ideal político-religioso, esses três bispos estavam ligados por laços de parentesco e amizade: Gregório de Nissa era irmão de Basílio de Cesareia e ambos muito amigos e próximos do Nazianzeno.

Esses religiosos expunham a fé tradicional mediante argumentos bíblicos, possuindo, ao mesmo tempo, um conhecimento filosófico profundo sobre helenismo, neoplatonismo e retórica – atitude intelectual típica de sua época – tanto que adaptaram esses conhecimentos na explanação sobre a fé em Jesus Cristo, lidando com as discussões teológicas através do foco filosófico.

Para compreender a representação destes grupos no espaço político-religioso da sociedade do século IV d.C. é que intentamos, durante nossa fase de mestrado, decifrar as práticas discursivas dos grupos ariano e niceno, pois tivemos acesso ao discurso do niceno Basílio de Cesareia e do ariano Eunômio de Cízico. Entendemos que tais práticas eram mediadas pelos intelectuais pertencentes a diferentes posicionamentos político-religiosos. É em tal correlação de forças e disputa pelas relações de poder que analisaremos a visão condenatória de Gregório de Nissa. Nesse sentido, o conceito de Cultura Política permite explicações e interpretações sobre o comportamento político de atores individuais e coletivos

[...] constituindo-se em uma instância autônoma e estratégica para a compreensão da realidade social, até porque a ideia é a de que as relações

com outro vocábulo de igual sonoridade na língua portuguesa: ‘niceno’. O termo niceno provém de Niceia, importante cidade localizada no Império Romano Oriental, próxima a capital Constantinopla. Tal cidade sediou o Concílio de Niceia em 325 d.C., presidido pelo Imperador Constantino. Sendo assim, cristãos nicenos são os religiosos que aceitam e advogam a causa do que foi decidido no Concílio de Niceia, ou seja, acreditam na consubstancialidade entre Pai e Filho. A título de exemplificação é que citamos que os três padres capadócius foram bispos cristão nicenos.

de poder são intrínsecas às relações sociais [...]. Competindo entre si, complementando-se, entretanto em rota de colisão, a multiplicidade de culturas políticas não impediria, contudo, a possibilidade de emergência de uma cultura política dominante, em certo lugar [...] (GOMES, 2005:30-31).

Por meio de nossos estudos anteriores, pudemos perceber o quanto o ariano Eunômio de Cízico e suas ideias incomodaram os religiosos nicenos, mais especificamente os padres capadócijs. Desde a nossa Iniciação Científica trabalhamos com essa temática político-religiosa. A cada etapa nosso intento foi e está sendo o de ampliar a documentação a fim de estendermos o estudo do percurso histórico para obtermos uma melhor dimensão da problemática ariana eunoméia. Durante a Iniciação Científica (Financiamento IC – FAPESP) foi que nos deparamos com a problemática ariana e com Eunômio ao analisarmos as correspondências do Bispo Basílio de Cesareia. Em nossa fase de Mestrado (Financiamento MS1 e MS2 – FAPESP) pudemos analisar diretamente a querela, pois foi estudado a disputa entre os nicenos e arianos a partir do embate discursivo entre o bispo ariano Eunômio de Cízico e o bispo niceno Basílio de Cesareia através dos discursos *Apologia* e *Contra Eunômio*, respectivamente. Para dar continuidade aos nossos estudos e a análise dessa contenda é que optamos por ampliar a documentação condenatória a Eunômio de Cízico utilizando, dessa vez, o testemunho de Gregório de Nissa. Nossa opção, nessa fase de doutoramento, tem como alvo dar continuidade à compreensão da querela no tempo e espaço nos quais aquela se desenvolveu.

Nesse intento é que nossa proposta reside em analisar a visão condenatória do Bispo Gregório de Nissa sobre Eunômio de Cízico. Por meio do documento *Contra Eunômio* – discurso homônimo ao de Basílio de Cesareia – podemos perceber que houve a continuação da contenda.

As informações sobre a vida e formação intelectual de Gregório de Nissa são poucas quando comparadas àquelas dos bispos Gregório de Nazianzo e Basílio de Cesareia. A bibliografia patrística e, até mesmo a historiografia, explicam essa escassez de notícias biográficas devido ao fato de seu irmão Basílio e sua irmã Macrina, a Jovem, serem “personalidades que ofuscaram” o Nisseno (SPANNEUT, 2002:67). Discordamos dessa posição, pois não é a impressão que temos quando lemos seu discurso *Contra Eunômio*, rico em alegorias, expressões filosóficas e referências sobre

seu espaço geográfico, ou seja, seu espaço de negociação político-religiosa e onde estão suas redes de sociabilidade. Essas informações são de grande valia para termos uma visão mais ampla de um conflito que atingiu as esferas de poder, como, por exemplo: a relação Imperador-religiões, Imperador-Exército e Imperador- administração.

Provavelmente nasceu na mesma cidade do irmão, Neocesareia cidade próxima a Cesareia (BASILE DE CESARÉE, Carta 210), capital da Capadócia da Ásia Menor (atual Turquia) entre 335-340 d.C., no seio de uma família rica e cristã que sofreu perseguições durante o governo Tetrárquico de Diocleciano. Não encontramos dados, até o momento, acerca de sua formação intelectual, entretanto por meio da leitura de suas obras podemos perceber que o religioso adquiriu o saber sobre retórica, dialética e filosofia platônica, aristotélica e neoplatônica. Assim como seu pai Basílio, o Velho e seu irmão Basílio de Cesareia, exerceu a profissão de retor³. Em 355 d.C. contraiu o matrimônio com Teosébia com a qual permaneceu até 385 d.C. – ano em que aquela morreu.

Apesar de não termos notícias de sua ordenação como sacerdote, sabemos que seu irmão Basílio, bispo de Cesareia desde 370 d.C. lhe impôs a sede episcopal da cidade de Nissa. Ressaltamos que o cargo episcopal de Basílio obtinha uma grande importância, pois Cesareia não era apenas a metrópole eclesiástica da Capadócia, pois abrangia ao todo onze províncias, ou seja, quase metade da Ásia Menor. Compartilhamos essa ideia com Michel Spanneut e Hubertus Drobner, quando ambos os autores, ao discutirem acerca do prestígio e poder que Basílio possuía, nos dão informações a respeito da importância do Cesareno em ser chefe da diocese da Capadócia, o que era praticamente ser o patriarca de toda a diocese civil do Ponto (SPANNEUT, 2002:36; DROBNER, 2003:279).

Com essa autoridade e legitimidade foi que, em 372 d.C., Basílio impôs ao seu irmão Gregório o episcopado da cidade de Nissa (GRÉGOIRE NAZIANZE, Carta XI enviada a Gregório de Nissa). Durante esse ano, Basílio e sua província, a Capadócia, sofreram uma impactante intervenção imperial: o Imperador Valente, governante da porção oriental do Império Romano, obtinha uma posição político-administrativa-religiosa a favor dos arianos. No intento de enfraquecer os bispos mais influentes

³ Espécie de advogado e professor. Os professores de retórica se consideravam primordiais na preparação dos que ocupariam altos cargos administrativos, religiosos e os que tinham chance de chegar ao cargo de imperador. Sobre o assunto Cf. SPINELLI, 2002:294; CARVALHO, 2010:29.

nicenos dividiu a província da Capadócia em duas, ou seja, dividiu a província civil a fim de prejudicar a diocese eclesiástica, governada por Basílio (BASILE DE CESARÉE, Cartas 74, 75, 76, 97, 98 e 99). Nesse momento foi que Basílio criou novas sedes episcopais a fim de tentar restabelecer sua influência e prestígio na segunda Capadócia (DROBNER, 2003:289).

Ainda sob o governo do Imperador Valente e em nome da querela político-religiosa, Gregório de Nissa foi condenado ao exílio em 376 d.C. (BASILE DE CESARÉE, Carta 232), retornando ao Império Romano apenas após a morte do Imperador Valente, em 378 d.C., quando o novo governante, o Imperador Teodósio, defensor da fé nicena absolveu todos os bispos ortodoxos exilados.

Foi somente após a morte de Basílio, em 379 d.C. e de sua irmã Macrina, em 380 d.C., que possuímos notícias da atuação político-religiosa de Gregório de Nissa. Logo após o retorno do exílio, o Nisseno teve uma ativa participação no Sínodo de Antioquia de 379 d.C. Tal participação lhe rendeu elogios pela historiografia como “homem de destaque e de confiança episcopal” (SPANNEUT, 2002:69).

Após esse episódio, Gregório de Nissa ganhou visibilidade e passou a ter inserção na corte imperial considerado um homem de confiança e conselheiro espiritual do imperador nos assuntos religiosos. O Imperador Teodósio (379-395 d.C.) lhe concedeu o título de inspetor da ortodoxia. Nesse cargo, Gregório viajou por várias cidades do Império Romano com o intuito de conter disputas teológicas entre nicenos e heterodoxos, principalmente contra Eunômio e seus discípulos.

Posteriormente, ao participar de forma ativa nos preparativos do Concílio de Constantinopla de 381 d.C., que fincou as bases legais para o estabelecimento oficial da fé nicena em todo o Império Romano, Gregório de Nissa permaneceu na corte até aproximadamente 387 d.C. atuando em outros concílios e assuntos referentes à defesa da ortodoxia. Após fixar-se em Milão, temos notícias que retornou a Constantinopla em 394 d.C., sendo este o último dado biográfico acerca do bispo; devido a esse fato é que a historiografia considera essa tal data como a sua de falecimento.

No tocante as suas obras, é curioso ressaltar que só possuímos informações após 379 d.C., com exceção do *Tratado sobre a virgindade* datado em 371 d.C. Sua obra mais famosa e que representa o apogeu de sua vida como religioso defensor da ortodoxia, filósofo, retor e importante intelectual político é seu discurso *Contra*

Eunômio. Através dessa obra é que possuímos notícias que o Nisseno se envolveu diretamente na contenda contra Eunômio e seus discípulos.

Esse discurso, datado em 380-383 d.C., é uma resposta à tréplica *Apologia da Apologia* de Eunômio. A sequência de discursos que envolve essa querela ariana se iniciou com o arrazoado *Apologia* de Eunômio – tratado que defende os preceitos político-religiosos dos arianos eunomeanos, pronunciado em 360 d.C. no Concílio de Constantinopla daquele ano; o segundo discurso seria a resposta de Basílio de Cesareia intitulado *Contra Eunômio*, datado em 363-365 d.C.; o terceiro é a tréplica de Eunômio intitulada *Apologia da Apologia* datada em 379 d.C. Finalmente, em 380-383 d.C., quando Basílio já era morto (379 d.C.), seu irmão, Gregório de Nissa, escreveu *Contra Eunômio*, a resposta à tréplica de Eunômio.

A partir das datações acima explicitadas é que montamos e justificamos o arco temporal dessa pesquisa: 360 a 394 d.C, ou seja, nosso recorte temporal está intimamente ligado à vida e obra de Nissa. O arco temporal em que se insere essa querela é demasiado grande para percebemos o quão foi importante um conflito entre cristãos nicenos e cristãos eunomeanos que se concentrou na região da Capadócia. Portanto, analisar o discurso de Gregório de Nissa é fundamental para compreendermos a contenda, o papel que a Província da Capadócia exercia naquele momento intenso de conflitos político-religiosos e a participação de outro capadócio, na defesa do ortodoxismo.

Há de se acrescentar que o discurso alvo de análise dessa proposta provocou um interesse maior por parte dos historiadores estrangeiros e nosso a partir de 2008 com sua tradução crítica do grego para o francês. Logo, muito há para se contribuir para a compreensão deste discurso. Daí nossa escolha em exercer a leitura do restante de sua obra e a movimentação epistolar ocorrida entre Gregório de Nissa, Basílio de Cesareia e Gregório de Nazianzo como subsídios para a análise intertextual de *Contra Eunômio*.

Nossa hipótese investigativa ultrapassa os aspectos teológicos, pois entendemos que a contenda que envolve Gregório de Nissa e os eunomeanos foi mascarada, durante muito tempo, pela historiografia e literatura patrística por explicações e conotações religiosas. Acreditamos que além dessa teologia, haja aspectos político-administrativos que devem ser decifrados por meio de um estudo detalhado sobre a Província da Capadócia. A compreensão que esse cenário de negociação e sociabilização ocupou no

interior do Império Romano, bem como a relação de poder entre essa província e outras regiões do Império, é primordial para alcançar nosso propósito: analisar a visão condenatória de Gregório de Nissa aos eunomeanos.

A história dos Padres Capadócijs está presente e se confunde com a história do cristianismo, da literatura e da filosofia com uma “homogeneidade de experiências culturais, de interesses eclesiais e teológicos a ponto de constituir uma feliz unidade” (MORESCHINI, 2008:537). Concordamos em parte com as ideias de Moreschini. Acrescentamos a elas os interesses políticos na forma de busca de prestígio e poder interferindo e agindo diretamente nos assuntos administrativos.

Entretanto, o historiador classicista deve sempre ter em mente os cuidados com os anacronismos e compreender, ou pelo menos fazer a tentativa, que certos conceitos que possuímos na atualidade representavam-se de maneira diferente para os romanos do século IV d.C. Esse é o caso do universo político-religioso tardo-antigo. O homem do século IV d.C., seja ele um intelectual, soldado, religioso ou um funcionário administrativo não concebia o religioso separado do político e vice-versa. As culturas políticas da época eram representadas dessa maneira: os assuntos de ordem eclesiástica misturavam-se e confundiam-se com assuntos administrativos, políticos e militares. As esferas da vida social não eram pensadas de formas separadas sendo sempre, relacionadas e ligadas pela ordem política. Para isso, faz-se necessário o uso de uma bibliografia que nos auxilie em nossa proposta: entender a posição de Gregório de Nissa em relação à contenda entre os ortodoxos nicenos e os heterodoxos arianos eunomeanos.

Na historiografia recente (a partir da década de 1990), as práticas religiosas são levadas em consideração como parte integrante da explicação político-cultural de vários acontecimentos. Verificamos novos interesses e abordagens sobre as fontes cristãs a partir da renovação da História Política agregando novas dimensões ao levar em consideração o religioso como, por exemplo, os discursos do episcopado: em nossa opinião, esses discursos são representações de um grupo político e socialmente estabelecido. A respeito dessa consideração do religioso pela historiografia atual, Aline Coutrot nos elucida: “Hoje, as forças religiosas são levadas em consideração como fator de explicação política em numerosos domínios. Elas fazem parte do tecido político,

relativizando a intransigência das explicações baseadas nos fatores sócio-econômicos (COUTROT, 2003:331).

Embora a ideia de Coutrot seja voltada à historiografia contemporânea, podemos afirmar, por meio da leitura da documentação que, na Antiguidade, o político e o religioso estavam intrinsecamente relacionados. Assim, por exemplo, os cargos episcopais podem ser analisados por meio da óptica político-religiosa, já que seus membros, durante o século IV d.C., intervinham na vida política e social dos habitantes das cidades em que viviam. Por meio dos discursos desse grupo social, denominado episcopado, podemos perceber como as representações de suas ações se manifestaram na sociedade em que viveram. Constatamos, em nossos estudos anteriores, que tal grupo social configurava-se em grupos sociais, pois tal pluralidade pode ser inferida a partir da análise da contenda entre ortodoxos nicenos *versus* heterodoxos arianos: os episcopais são constituídos de hierarquias e não podem ser vistos como um grupo coeso e fechado, logo é necessário analisar suas particularidades. Sendo assim, cada Bispo lutou para que sua concepção de fé fosse aceita como verdade e, assim, legitimada pelo poder imperial.

Sendo assim, ao investigarmos um conflito político-religioso no século IV d.C., através de uma dada documentação, notamos a influência dos discursos episcopais sobre os cidadãos. A escolha de determinadas personagens nos direciona a uma certa hierarquia por meio da qual aquela sociedade era representada. Na constituição desta hierarquia é que entendemos as disputas entre os próprios Bispos cristãos que podem ser percebidas no discurso do Nisseno.

Outra peculiaridade do historiador que estuda a História da Igreja é o cuidado com a parcialidade com que o material eclesiástico é produzido. Durante muito tempo, a elaboração eclesiástica se concentrou nas mãos de escritores e estudiosos do cristianismo ortodoxo, em sua grande maioria, se é que podemos dizer em sua totalidade, partícipes do clero. Dessa forma, comentamos mais uma vez, que há um predomínio de material bibliográfico a favor desse grupo que passou a ser oficialmente reconhecido pelo Imperador ao término do século IV d.C.

Somente a partir da década de 1980 é que passamos a encontrar publicações acerca do Bispo Gregório de Nissa em periódicos que não estavam vinculados à editoras religiosas. Sendo assim, no que diz respeito à bibliografia específica sobre o Bispo Gregório de Nissa, a literatura patrística e a historiografia exerceram juízo de valor ao

diminuir a representação desse religioso em detrimento da de Basílio e Gregório de Nazianzo. Gregório de Nissa, por exemplo, “ficou esquecido” diante de personagens tão famosos. (DROBNER, 2003:277). Tal opinião é encontrada em vários manuais sobre os Padres da Igreja, nos quais Gregório de Nissa encontra-se inserido.⁴

A título de exemplificação, citamos a obra dos italianos Moreschini e Norelli na qual essa ideia se perpetua:

A morte de Basílio constitui um divisor de águas e assinala uma reviravolta não só na vida, mas também na produção literária e teológica de Gregório de Nissa e de Gregório de Nazianzo que parecem agora, mover-se sem a proteção e a vigilância do respeitado e enérgico bispo de Cesareia (MORESCHINI; NORELLI, 2000:148).

Como a citação acima referencia, muitos autores não questionam o fato das obras de Nissa só aparecerem após a morte dos irmãos Basílio de Cesareia (379 d.C.) e Macrina, a jovem (380 d.C.). Devido à falta de dados sobre sua formação intelectual, até hoje é reproduzido que tal religioso não saiu de sua cidade, Cesareia, para estudar fora como Gregório de Nazianzo e Basílio fizeram, nas importantes cidades cosmopolitas do Império Romano, tais como Atenas, Alexandria e Constantinopla.

Em alguns estudos mais específicos também não encontramos críticas ao fato de suas notícias biográficas e de suas obras só aparecerem com mais substância após a morte de seus irmãos. Mesmo não possuindo um propósito histórico e, muitas vezes, restringindo-se a análises filosóficas, teológicas e filológicas, citamos o artigo de Lallemand (2002:121) que ressalta os conhecimentos de Gregório de Nissa acerca do seu “saber médico” contidos em sua obra *Cântico dos Cânticos* (390 d.C.). O estudioso francês analisa a paideia do Nisseno a partir de seus conhecimentos botânicos citados na obra supracitada sem, contudo, discutir ou afirmar a formação intelectual de Gregório.⁵

⁴ Por “manuais” entendemos e englobamos aquelas obras que pretendem abarcar a vida e obra, bem como a teologia dos Padres da Igreja (Patrologia e Patrística, respectivamente). Tais obras configuram-se como verdadeiras enciclopédias que possuem a pretensão de ser “universal” ao abarcar inúmeros personagens. Com isso queremos dizer que tais obras, apesar de se configurarem em um material com abundantes e valiosas informações para aqueles que pretendem historicizar a teologia, devem ser analisadas criticamente. Cf. INSUELAS, 1943; ALTANER & STUIBER, 196?; HAMMAN, 1983; CLEMENTE FERNANDEZ, 1979; Oñatibia, 1985; Liébaert, 2000; Spanneut, 2002; Drobner, 2003; MORESCHINI & NORELLI, 2000 ; TORRES, 2000; MORESCHINI, 2008.

⁵ Cf também os trabalhos de: GAÏTH (1953), LADNER (1958), HANS URS VON BALTHASAR (1992), TERRIEUX (1995), LAIRD (1999).

A historiografia que relaciona os conflitos político-religiosos dos Bispos aos seus espaços de atuação, sociabilização e autoridade estão em constante expansão. Muitos estudos tem se dirigido às cidades romanas e, especificamente, as cidades tardo-antiga. Claudia Rapp (2005) analisa de que forma a liderança cristã, representada pelos bispos, ocorreu nesse período de transição. No intento de definir o papel do Bispo no período, a autora buscou compreender as diversas autoridades que os religiosos do período agregaram para si: as autoridades pragmática, espiritual e ascética. A relação entre as cidades e os religiosos foi crucial para Rapp (2005:208-234) desenvolver seus apontamentos acerca dessas três autoridades.

Dentre os capadóciolos, Gregório de Nissa foi o menos estudado no passado, entretanto, no século XX, o Nisseno passou a ser um dos padres da Igreja mais pesquisados. Destacamos os trabalhos de Werner Jaeger na primeira metade do século XX na Universidade de Harvard e após sua morte, em 1969, destacamos os estudos do Instituto Gregório de Nissa em Münster que organiza Colóquios Internacionais anuais especiais sobre esse religioso em várias partes do mundo. Nas publicações resultantes desses colóquios é que encontramos estudos específicos, preocupados em inserir a análise de suas obras no contexto histórico, a partir dos conflitos político-religiosos da época. Desta maneira é que Brian Duvick (1998), na publicação resultante do oitavo colóquio, insere sua pesquisa sobre os discursos do Nisseno.

Somente a partir da década de 1990 é que percebemos, na bibliografia consultada até o momento, estudos que valorizam as ações do Bispo Gregório de Nissa enquanto autoridade atuante em seu espaço de negociação. Ao abordar as notícias biográficas de Gregório de Nissa, Ronald E. Heine (1995) vincula as importantes atuações do Nisseno nas reuniões eclesiais, bem como, sua inserção na corte e conseqüente relação com o Imperador Teodósio e os assuntos político-administrativo-religiosos de seu governo (HEINE, 1995:6-7). Apesar de estarem preocupados em analisar a filosofia cristã de Gregório de Nissa, Martin Laird (2004) e Giulio Maspero (2007) inserem sua doutrina ortodoxa no contexto histórico da época, ambos preocupando-se com os conflitos político-religiosos existentes no período do capadociano.

Nossa intenção ao citar datas e obras de estudos sobre Gregório de Nissa foi o de mostrar a necessidade de pesquisas que vinculem o conflito político-religioso às peculiaridades da época, à Província da Capadócia, bem como ao seu discurso *Contra*

Eunômio, nosso discurso alvo, sobre o qual não encontramos, até o momento, nenhum estudo histórico específico. A partir dessas análises sobre algumas obras que intentaram analisar Gregório de Nissa e sua paideia configuram-se as problemáticas que essa proposta de estudo vem discutir: acreditamos que Gregório de Nissa possui determinado conhecimento intelectual e retórico e está no mesmo patamar político-religioso que outros dois padres capadóciolos. Assim, intentaremos investigar o motivo de tal detrimento perante os outros dois capadociolos. Sendo assim, nosso objetivo mais amplo é entender o motivo do Bispo Gregório de Nissa ser tão ofuscado, até os dias atuais, pelos manuais e por parte da historiografia. Dessa forma, acreditamos que a análise de sua formação intelectual, assim como todos os aspectos que compõem sua paideia, nos fornecerão pistas para tal investigação.

Gregório de Nissa exerceu cargos e feitos dignos dos de seu irmão, tanto que escreveu um discurso homônimo ao de Basílio, *Contra Eunômio*, com um intervalo de aproximadamente 20 anos. Nesse ínterim, intentamos compreender os meandros que envolveram tal discurso, ou seja, a inserção que o Nisseno ocupava, no momento em que escreveu tal discurso, na Corte Imperial de Teodósio. Tal apoio que o religioso obteve desse governante é primordial para entendermos as circunstâncias de produção e circulação do seu discurso.

Mais especificamente, pretendemos entender o porque da contenda entre os capadóciolos e Eunômio, juntamente com seus discípulos, ter ganhado tamanha proporção durante quase toda a segunda metade do século IV d.C. Tantas foram as visões condenatórias a Eunômio que acreditamos que tal problemática deve ser revisitada diante de novas abordagens e novo *corpus documental*. Para melhor compreender o papel do bispo nessa querela, faz-se mister conhecer seu espaço de atuação político-religiosa. Sendo assim, torna-se igualmente necessário entender o que representava a Província da Capadócia na segunda metade do século IV d.C. dentro do Império Romano, ou seja, procuraremos compreender qual era a relação dessa região com outras cidades do Império, tal como a capital Constantinopla – também palco de conflito com os eunomeanos. Outro assunto historiográfico que faz parte de nosso fito explorar é a legislação existente sobre o período. Os Bispos buscavam a legitimidade de seu ideal político-religioso no apoio à sua fé por parte do Imperador e toda a esfera administrativa: esse fato pode ser explorado a partir das leis que corroboravam, ou não,

as decisões formuladas nos sínodos e concílios, pois tal legislação contém pistas para nos ajudar a entender melhor o período e a participação imperial na contenda propriamente dita.

Enfim, a partir dessas considerações aqui expostas foi que nossas hipóteses-investigativas acerca do ideal político-religioso cristão niceno de Gregório de Nissa foram construídas.

Referências Bibliográficas

Documentação Impressa

GRÉGOIRE DE NYSSE. **Contre Eunome** I. 1-146 Texte grec de W. Jaeger (GNO I,1) – Introduction, traduction et notes par Raymond Winling. Paris: Les Éditions du Cerf, 2008.

GRÉGOIRE DE NYSSE. **Lettres**. Introduction, texte critique, traduction, notes et index par Pierre Maraval. Paris: Les Éditions du Cerf, 1990.

Obras Gerais

ALTANER, B.; STUIBER, A. **Patrologia: Vida, Obra e doutrina dos Padres da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1972.

BRANDÃO, H.N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: UNICAMP, 2004.

CALLAHAN, John F. Greek Philosophy and the Cappadocian Cosmology. **Dumbarton Oaks Papers**, Harvard University, Vol. 12, 1958, pp. 29-57.

CAMERON, Averil. **Christianity and the Rhetoric of Empire**. The development of Christian Discourse. Berkely, Los Angeles, London: University of Califórnia Press, 1994.

CARVALHO, M. M. de. **Paideia e Retórica no Século IV d.C.: A Construção da Imagem do Imperador Juliano Segundo Gregório Nazianzeno**. São Paulo: Annablume/ FAPESP, 2010.

COUTROT, Aline. Religião e Política. In: RÉMOND, René. (org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p.331-364.

DROBNER, Hubertus R. **Manual de Patrologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

DUVICK, Brian. The Trinitarian Tracts of Gregory of Nyssa. Proceedings of the Eighth International Colloquium on Gregory of Nyssa (Paderbon, 14-18 September, 1998). Leiden, Boston, Brill, 2000, p.581-591.

ESLER, P. F. (ed.). **The Early Christian World**. Vol.I –II. London: Routledge, 2000.

GAÏTH, Jérôme. **La Conception de la Liberte Chez Grégoire de Nyssa**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1953.

GARDNER, Percy. Countries and Cities in Ancient Art. **The Journal of Hellenic Studies**, Vol. 9, 1888, pp.47-81.

- GIET, Stanislas. Saint Basile et le Concile de Constantinople de 360. **The Journal of Theological Studies**, Oxford, n.VI, p.94-99, 1955.
- GOMES, A. de C. História, historiografia e Cultura Política no Brasil: algumas reflexões. In: BICALHO, M.F.B.; GOUVEA, M.F.S.; SOIHET, R. **Culturas políticas. Ensaios de História, Cultura, História Política e Ensino de História**. Rio de Janeiro: MAUDAD, 2005.
- HAMMAN, Abalbert G. **Os padres da Igreja**. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 1983.
- HANSON, R. P. C. **The search for the Christian Doctrine of god**. The arian Controversy 318-381. Scotland: T&T Clark, 1997.
- HARRIES, Jill; WOOD, Ian. **The Theodosian Code**. Studies in the Imperial Law of Late Antiquity. London: Duckworth, 1993.
- INSUELAS, J.B. **Curso de Patrologia: História da literatura antiga da Igreja**. ? : Brada, 1943.
- LADNER, Gerhart B. The Philosophical Anthropology of Saint Gregory of Nyssa. **Dumbarton Oaks Papers**, Vol. 12, 1958, p.59-94.
- LAIRD, Martin. Gregory of Nyssa and the mysticism of darkness: a reconsideration. **The Journal of Religion**, Vol. 79, n.4, 1999, p.592-616.
- LALLEMAND, A. Le safran net l'encens dans des Homélies sur le Cantique des Cantiques de Grégoire de Nysse. **L'Antiquité Classique**, Vol 71, Bruxelles, 2002, p. 121-130.
- LIÉBAERT, J. **Os Padres da Igreja**. Vol. I. Séculos I-IV. São Paulo: Loyola, 2000.
- MAGALHÃES, Júlio César. Arianistas. In: FUNARI, P.P.A. (org.). **As Religiões que o Mundo esqueceu**. Como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses. São Paulo: Contexto, 2009, p.87-101.
- MARROU, H-I. **L'Église de l'Antiquité Tardive 303-364**. Paris: Éditions du Seuil, 1985.
- MASPERO, G. **Trinity and Man**. Gregory of Nyssa's *Ad Ablabium*. Leiden: Brill, 2007.
- MEREDITH, A. The three Cappadocians on Beneficence: A Key to Their Audience. In: CUNNINGHAM, M.B.; ALLEN, P. (ed.) **Preacher and audience**. Studies in Early Christian and Byzantine Homiletics. Leiden, Boston, Köln: Brill, 1998.
- MORESCHINI, C.; NORELLI, E. (orgs.). **História da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina**. São Paulo: Loyola, 2000.
- _____. **História da Filosofia Patrística**. São Paulo: Loyola, 2008.
- OÑATIBIA, I. **Patrologia**. Hasta el concílio de Nicea. Madrid: La editorial Católica, 1985.
- RAPP, Claudia. **Holy Bishops in Late Antiquity**. The Nature of Christian Leadership in an Age of Transition. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 2005.
- RUBENSTEIN, Richard E. **Quando Jesus se tornou Deus**. A luta épica sobre a Divindade de Cristo nos últimos dias de Roma. Rio de Janeiro: Fiesc, 2001.

SILVA, Gilvan Ventura da. **Reis, Santos e Feiticeiros**: Constâncio II e os fundamentos místicos da *basiléia*. (337-361). Vitória: Edufes, 2003.

SPANNEUT, M. **Os Padres da Igreja**. Séculos IV-VIII. Vol. II. São Paulo: Loyola, 2002.

TORRES, Juana. **Los Padres de la Iglesia**. Madrid: Ediciones Del Orto, 2000.

VEYNE, Paul. **Quand notre monde est devenu chrétien**. Paris: Albin Michel, 2007.

WICKHAM, L. R. The date os Eunomius 'Apology: a reconsideration. **The Journal of Theological studies**, Oxford, n.XX, p.231-240, 1969.